

TRAÍDA PELOS PAIS¹

Maria Tereza Guimarães Lima - Membro associado da SPR

Traída pelos pais: Através da observação clínica a autora aborda aspectos do desenvolvimento evolutivo do período da adolescência, relacionando com o comportamento da família contemporânea à luz dos conceitos do psicanalista inglês D. W. Winnicott. Como ilustração, apresenta um material clínico referente à compreensão do aparelho psíquico quanto ao destino das pulsões e suas vicissitudes.

Introdução

Neste trabalho, tenho como objetivo apresentar uma experiência que tenho observado cada vez mais no exercício da nossa profissão.

Nossos consultórios têm acolhido adolescentes que diante da omissão dos pais no desempenho das suas funções, tem desencadeado nessas criaturas sentimentos de abandono e de insegurança frente aos destinos das suas vidas. Concomitantemente ocorrendo numa etapa de vida da organização do ego e das vicissitudes que remetem a essa fase do desenvolvimento do ser humano.

Apresento uma ilustração clínica onde a paciente na busca por sua individualização, vivenciando de forma assustadora, encontra como saída para lidar com suas demandas pulsionais um recurso da modernidade, a internet, onde tudo pode ser virtualmente vivido de forma ilusoriamente satisfatória.

Adolescência

Ressaltarei alguns aspectos que marcam o período da adolescência. Sabemos que esse período é de turbulência, com mudan-

ças que provocam ilusões e desencantos. É um período marcado por grandes transformações biológicas, psicológicas e sociais. Sonhos que nascem e morrem provocando sofrimentos. Vivencia-se o luto pela morte da infância e do corpo infantil. Há mudança na imagem corporal, com a violenta atuação dos hormônios. Inicia-se a busca por uma identidade adulta, cheia de medos e fantasias.

A escravidão por um físico perfeito, por uma beleza cinematográfica. O ter que saber de tudo, a rapidez das mudanças tecnológicas, faz com que os adolescentes estejam sempre num ritmo acelerado, em tempo real e integral..

Presenciamos quanto o computador vem atender essa cultura, são informações fragmentadas, rápidas, imediatas e descartáveis propiciando um raciocínio sem possibilidade de reflexão. Atualmente nossos adolescentes são solicitados a darem respostas que muitas vezes os deixam escravos dessas exigências.

O valor qualitativo dos encontros vem sendo substituído pelos encontros quantitativos, quanto mais ficantes melhor! O erotismo, exibicionismo, o voyeurismo e porque não falar na banalidade com que a sexualidade vem sendo praticada. A erotização, fica muitas vezes adiada, quiçá impossibilitada de ser vivida de forma prazerosa e em tempo real.

¹ Esse trabalho foi apresentado na XV Jornada de Psicanálise e XI Encontro de Psicanálise da Criança e do Adolescente da SPR, em Recife/Mar Hotel- 22 de outubro de 2010.

A influência da mídia escraviza e impossibilita a expressão singular dos desejos com a intensidade das fantasias de posse, tendo como resultado, a apatia, a ausência da possibilidade da manifestação individualizada, onde a expressão singular predomine em detrimento da massificação. Observamos um individualismo, marcado pela ausência de projetos, tendo como ideal o culto a auto-imagem e a busca de satisfações imediatas.

A intolerância frente às frustrações, que logo são ilusoriamente eliminadas, com o consumo de álcool. Associado muitas vezes com outros tipos de drogas que abrem caminhos mais tortuosos, crescentes e incontroláveis, propiciando um difícil retorno.

Outro aspecto de muita angustia é a violência, vivemos num mundo que a qualquer momento podemos ser vítimas de uma ação violenta, lidamos com índices de mortalidade que cresce dia à dia, os noticiários de televisão em busca de altos índices de audiência, nos colocam frente as mais horripilantes cenas de crueldade e extermínio. A morte, o terror, a ameaça frente à própria vida passaram a fazer parte do nosso cotidiano, em cada esquina a sombra da morte nos fragiliza. Os adolescentes convivem com a falta de liberdade. Sob o temor do seqüestro, assalto, estupro, da bala perdida. Muitas vezes, para temor dos pais, num movimento de defesa, se comportam negando a ameaçada realidade.

Convivemos com um modelo de comunicação que se revela cada vez mais intenso nas salas de chats, e-mails, sites de relacionamentos, jogos eletrônicos.

É um modelo que impossibilita o confronto da condição de olho no olho. Os diálogos, estar frente a frente com a possibilidade de sentir as emoções e perceber as reações foram substituídas pelas mensagens

no MSN, Skype ou mesmo através do celular. Essa modalidade os protege das angustias e dos conflitos que a relação humana nos impõe. É possível se brincar de faz de conta. É comum escutarmos os adolescentes falarem: Lá eu posso ser quem eu quiser, tudo que eu desejo ser, lá eu sou!

Os desejos tem satisfações imediatas, nada é questionado, “se complicar, eu delete” e imediatamente faz-se outro contato e assim por diante. A descarga pulsional lidando ilusoriamente com o princípio do prazer em detrimento do princípio da realidade. A busca é para aplacar a falta e a frustração.

Tudo isso coexistindo com as ameaças inerentes à própria fase etária: Dentre elas podemos citar:

- A constituição da identidade subjetiva – A busca pelo seu verdadeiro self que se conflita com o self social influenciado pelas necessidades adaptativas.

- A relação com o próprio corpo (autoerotismo) e a identidade sexual através do posicionamento da homossexualidade e heterossexualidade.

- A expressão do pensamento através da fantasia, simbolização, linguagem, abstração e intelectualização.

- A intensificação das relações interpessoais. A Individualização em relação às figuras parentais.

- O manejo pulsional em relação aos afetos, abrangendo: o prazer, ansiedade, frustrações, agressividade e defesas.

- A predominância dos mecanismos intrapsíquicos tais como: idealização, cisão, negação da realidade, onipotência, ambivalência, identificação projetiva, dando ao ego características peculiares e de natureza esquizóide.

- O desenvolvimento da capacidade sublimatória exercida através dos esportes, dos

interesses culturais e da participação social, dentre outras.

Observamos que grande parte desses jovens vive esses momentos de forma solitária, sem a presença afetiva e efetiva dos seus genitores que por motivos pessoais ou profissionais estão voltados para suas vidas, num crescente individualismo.

Surgem confrontos que são acrescidos pelas ansiedades decorrentes de transformações pelas quais os pais também estão passando, por estarem atravessando a maturidade, trazendo-lhes redefinições de natureza existencial.

Lembramos que segundo D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista britânico, o bebê desde cedo “deposita na figura materna a responsabilidade por sua vida física e sua constituição psíquica como filho imaginário, da mãe e do pai. A Preocupação materna primária _ capacidade de identificação profunda da mãe com a criança _ constitui para Winnicott uma doença fisiológica, que a torna capaz de emprestar ao recém-nascido imaturo e não-integrado, seu próprio psiquismo, consciente e inconsciente, fornecendo-lhe o necessário Holding , paradigma das várias funções maternas exercidas pela mãe suficientemente boa.

Sobre a função paterna, Winnicott (1972) a situa como posterior à necessidade das funções maternas precoces, que o pai talvez possa compartilhar com a mãe, cooperando como seu substituto e introduzindo desde o início a riqueza crescente da diferença de seus investimentos conscientes e inconscientes sobre o psiquismo do bebê – com a condição de que a sua relação com a mãe não seja competitiva ou invasiva, privilegiando a função de companheiro masculino, necessária como suporte afetivo e confirmação para a própria mãe.

Ainda segundo Winnicott. “O crescimento não é uma tendência herdada, mas um entrelaçamento de suma complexidade com o ambiente facilitador”.

É primordial a presença dos pais nessa passagem para a vida adulta, fornecendo confiança para o seu desenvolvimento e proteção através dos limites, das interdições que aos filhos são dirigidos. Como também, para que haja o confronto dos filhos na relação parental que propicia a destruição e reconstrução dos vínculos fornecendo condições para uma maior integração dos aspectos emocionais e sociais.

A importância dos modelos identificatórios com os pais ou substitutos representa o alicerce para o desenvolvimento das funções egoicas, dos ideais do ego e superegoicas.

Em relação às famílias, observamos que a configuração familiar se modificou. Os laços entre pais e filhos sofrem o impacto dessas mudanças.

A busca pelo mercado exigente de trabalho se intensificou. É cada vez mais notória a ausência dos pais no cotidiano das crianças e adolescentes. Por outro lado, os filhos permanecem por mais tempo nas casas dos seus genitores, retardando o vôo para uma vida com autonomia.

Sabemos que é necessário para o desenvolvimento do indivíduo tanto a condição de projetar ideais, como uma suficiente identificação com os pais. Porém, muitas vezes o que observamos hoje é uma inversão de papéis, pais idealizando a juventude dos seus filhos, querendo imitá-los. É comum escutarmos filhos referindo-se aos pais como aqueles que querem ser iguais a eles. Seja na escolha das roupas, nas atitudes, ou mesmo buscando como pares companheiros que são mais próximos da idade dos filhos do que propriamente das deles. Existe uma inversão

de comportamento, pais negando sua maturidade e deixando de serem espelhos para os seus filhos. A negação do presente que se apresenta confirmando o passar do tempo, em contínuo movimento de transformação.

Constatamos uma falha na ordem, representante da lei, da função paterna, que falha em casa, na escola, nas instituições governamentais gerando uma lacuna na figura da representação da ordem identificatória.

Relembrando Freud em seu artigo: O ego e o Id (1923). “O ego é estruturado no jogo das identificações”.

Os objetos primários de identificação – pai e mãe – também têm falhado nas suas funções ao negar ao jovem o limite necessário, como nos lembra Outeiral (1994): “A criatividade na adolescência articula-se necessariamente com a noção de limite....., criação de um espaço protegido dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receio e risco. Precisamos nos lembrar que não existe um conteúdo organizado sem um continente que lhe dê forma”.

A família destes tempos da computação, das novas formas de concepção, das produções independentes, da busca desenfreada pelo consumismo nos revela a evidência das patologias narcísicas.

Ilustração Clínica

Como preencher o vazio de uma adolescente que se sente isolada pelas pessoas que mais ama: pai, mãe, amigos, namorado e todo o mundo.

Foi assim que senti a angustia da minha paciente na época com 15 anos, apresentando elevado grau de sofrimento.

Sentia-se abandonada, sem esperanças de viver a vida que outrora sonhara. Ou seja,

ter o que um dia sentia que tinha vivido com felicidade, a segurança sentida na infância quando convivia com a presença dos pais. Referia que sempre foi muito querida por eles, mas que agora nada disso existia!

Foi a avó da Fernanda quem ligou para mim, dizendo que sua neta demonstrou o interesse em conversar com uma psicóloga. Ressaltou que os pais concordaram com a ida dela ao meu consultório, pois acreditavam que lá, Fernanda iria resolver seus problemas.

Fernanda chegou ao meu consultório acompanhada pela avó paterna, e ao entrar na sala expressou-se:

“Acho que nunca serei feliz!! Sou muito infeliz!!

Papai só quer saber de Renata, a nova mulher dele. Mamãe arranjou um namorado nove anos mais velho que eu, só quer saber dele e da família dele, não liga mais para mim. Ele não sai mais lá de casa! Mamãe só pensa nela. Fábio que eu amo, não quer saber de mim, só da Verônica. Fiquei com ele uma vez e sei que ele é o homem da minha vida! Não sei mais o que farei na minha vida. Até na empregada da minha casa não posso mais confiar, vive falando de mim para a minha mãe. Me sinto traída por todos!”

Agregava a toda essa infelicidade, a insatisfação pelo seu corpo, e a luta para adquirir a perfeição ditada pelos ditames da nossa atualidade. Pele, cabelo, peso e tudo o mais não a satisfazia, era como se a imagem refletida no espelho não se adequasse com a representação psíquica, idealizada que tinha de si mesma.

Diante da necessidade de escutar os pais, em concordância com a Fernanda, não fui atendida.

Fernanda estava sempre querendo ser olhada, reconhecida, se assegurar que ocu-

pava um lugar que lhe permitisse a busca por sua individualidade e assim, poder fazer suas escolhas. Ansiava pelo olhar da mãe, do pai que a autorizasse nessa caminhada. A relação transferencial estabelecida com a minha paciente se revelava dessa forma.

Procurava acolhê-la, e dentro dos limites do setting, através da transferência estabelecida, buscava ser continente das suas angústias. Ao mesmo tempo em que me sentia acolhendo-a, se fazia necessário possibilitar que o sofrimento vivido diante das frustrações, pudesse ser experienciado, para que aos poucos fossem se formando estruturas que permitissem o crescimento mental e a aceitação dos limites humanos.

Um dia Fernanda chegou informando que seus avós iriam viajar e que ela teria que voltar para a casa da mãe até o retorno deles. Nessa época Fernanda morava com os avôs.

Esse regresso a mobilizou de tal maneira que a forma que ela encontrou de conviver foi se isolando em seu quarto junto ao computador. Não se interessava em participar da dinâmica familiar, referia que não suportava nem escutar as vozes dos seus dois irmãos.

E então, surgiu um fato, que me levou a intimar a presença dos pais em meu consultório.

A paciente se relacionava com o Fábio, a sua grande paixão, e pela internet costumavam praticar sexo virtual, até que o menino começou a ameaçá-la exigindo que se ela não passasse a ter com ele sexo real, ele iria expor fotos dela na rede de relacionamento Orkut. Essa chantagem a leva para outros caminhos: Envolvimento pela internet com um vigarista que dizia que tinha poderes para fazer uma pessoa se apaixonar por outra, mediante pagamentos de altas quantias. E para obter esses valores Fernanda começou a tirar dinheiro da carteira da mãe. Por outro

lado, sua mãe inadequadamente a acusava perante toda a família.

Diante de tal turbulência, foi possível o encontro.

Penso que a própria Fernanda, no seu movimento foi a mentora desse encontro, no pedido de socorro, de limite e de autoridade. Houve mobilização e acolhimento por parte dos pais, com atuação de advogado, visita à casa do Fábio e conversa como os pais dele. Fernanda definitivamente voltou a morar na casa da mãe, com restrições ao uso da internet.

Certo dia ao entrar no consultório olha para o divã e diz: “Vou me deitar nele para experimentar, se ele está aí é para ser usado, sempre quis deitar nele.” E assim procede. Nesse dia, Fernanda fala do seu vazio que é sentido de outra forma: “Sei que o Fábio não gosta de mim como eu gostaria que ele gostasse, mas ainda sinto que amo muito ele, mas estou saindo, me divertindo, achando outros meninos interessantes, fico até com alguns nas festas, mas ainda sei que gosto muito do Fábio, mas ele só quer me iludir. Tenho minhas recaídas, mas não quero que ele pense que eu sou aquela de antes.

Minha mãe tem a vida dela e sei que ela se preocupa comigo.

Quando penso como cheguei aqui, parece que hoje sou outra pessoa. Acho que você deve ter pensado que eu era doida”. (risos)

“Sei que tenho a minha vida e tenho que cuidar dela, estou gostando da faculdade quero ser uma boa profissional, e vou lutar para isso”.

Algum tempo depois, Fernanda fala sobre um sonho: Inicia a sessão com muita ansiedade, optou pela poltrona e fixando seu olhar nos meus olhos começou a relatar:

“Sonhei uma coisa impossível, até horrível de acontecer, só sonho mesmo”!

Veja só, sonhei que transava com o meu pai, isso nunca poderia acontecer, com meu pai! Sonho é mesmo absurdo. Ainda bem, que é sonho, porque nunca poderia ser verdade. Mas assusta, fiquei pensando, como posso sonhar uma coisa dessas? Me senti tão mau, quando acordei, pensei logo em você. Acho que só aqui posso falar sobre isso, imagine se conto para alguém! O que vão pensar de mim. Que sou o quê?

A- Que é o quê?

P- Sabe, nem sei dizer, só sei que é tudo um absurdo. Mas, acho que tem a ver com a minha volta para a minha casa. Queria que meu pai estivesse lá. Se encosta na poltrona e fica pensativa.

A- Como antigamente?

P- Sim. Como foi quando eu era criança, mas não dessa forma do sonho. Que ele estivesse com nós todos, como a gente era antes. Meu pai era muito presente na vida da gente, eu sabia que ele gostava de mim, me sentia protegida. Mas, nada disso existe mais. Vai ver que eu queria no sonho só estar perto dele, não é mesmo? Eu já ouvi falar em complexo de Édipo, é isso?

Mas você nem sabe como estou feliz na minha faculdade! Tem um menino na minha sala que fica olhando para mim, esse final de semana vai ter uma balada, e aí acho que a gente vai poder ficar. Gosto da minha faculdade, ainda bem que gosto, porque quero ser uma boa profissional. Seguir minha vida.

Conclusão

Fernanda tentava superar suas dificuldades, medos e conflitos, percorrendo um caminho cuja trajetória apontava para um crescimento pessoal e profissional.

Inevitavelmente encontrará obstáculos, pois não há possibilidade de ser diferente,

porém a forma como lidamos com eles resulta da condição interna de cada um, da organização de sua realidade psíquica. Como nos recorda Winnicott: "o êxito da descoberta de uma solução pessoal depende em grande medida da existência da família e dos cuidados dos pais".

Para finalizar apresento à vocês o que Contardo Calligares, psicanalista italiano radicado no Brasil (1999) em um artigo intitulado "A adolescência venceu" publicado na Folha Ilustrada, nos fala: "Que aqueles que hoje se intitulam adultos muitas vezes tiveram mais sorte do que os adolescentes de hoje, porque tiveram pais que facilitaram a necessária e precária rebeldia adolescente, pois podiam até gostar e de certa forma invejar a vivência dos filhos, mas não chegavam a ponto de querer imitá-la."

Continua o autor: "O adolescente de hoje, ao contrário, deve se perguntar se o incomodo que ele consegue produzir é feito de inquietude ou de inveja. Se for inveja, crescer se torna difícil: Como se diferenciar de adultos que se inspiram justamente nos esforços adolescentes para se diferenciar dos adultos? Para tornar a vida um pouco mais fácil para os adolescentes, seria bom que os adultos sássem da infância".

Abstract

Betrayed by her parents: Through the clinical observation the authoress look for the development growth by teenager, related with the contemporânea family behavior by the theory of the English psychoanalyst D. Winnicott. As illustration the authoress introduce the clinical case referring at insight to psychic as the destiny of the trieb and their vicissitudes.

Referências

- . CALLIGARES, Contardo; A Adolescência – Coleção: “ Folha Explica”, Publifolha, 2001.
- CIPOLLA, Marcelo Brandão - Tradução. A Família e o Desenvolvimento Individual. 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2001
- . FREUD, Sigmund. (1914) Sobre o Narcisismo; Uma Introdução. In:Obras Completas de Sigmund Freud; Vol. XIV, Imago Editora. Rio de Janeiro. 1969.
- ._____ (1923) O Ego e o Id; In:Obras Completas de Sigmund Freud; Vol. XIX, Imago Editora. Rio de Janeiro. 1976.
- . FRANÇA, Neyla Regina A. Ferreira – Adolescência e Defesas Fóbicas. In: Revista Brasileira de Psicanálise - São Paulo , Volume 30 - N° 1 – P.201 -208 -1996.
- . GRAÑA, Roberto B. Organizador – Técnica Psicoterápica na Adolescência – Artes Médicas - Porto Alegre – 1998.
- . LEVISKY, David Léo - Adolescência Reflexões Psicanalíticas -- 2ª edição – São Paulo - Casa do Psicólogo, 1998.
- . OUTEIRAL, José O. & Roberto B. Graña e colaboradores - Donald W. Winnicott: Estudos - Porto Alegre - Artes Médicas -1999.
- . OUTEIRAL, José O., Sueli Hisada, Rita Gabriades coordenadores – Winnicott – Seminários Paulistas - Casa do Psicólogo - São Paulo - 1ª Edição - 2001.

Maria Teresa Guimarães Lima
mterezag08@gmail.com
Recife/PE
Outubro/2010

